



MERCADOS DE CAPITAIS As movimentações do dinheiro passarão a ser mais vigiadas

Capitalismo regulado

A facilidade de circulação de dinheiro e produtos financeiros revelou-se demasiado perversa. Vêm aí regras mais apertadas?



Quando as crianças se portam mal, e abusam do espaço de manobra que os pais lhes concedem, o mais provável é acabarem de castigo. Na economia, passa-se quase a mesma coisa. Após anos a fio de capitalismo desregulado (ou pouco regulado), com as portas escancaradas à circulação global de capitais, cometeram-se excessos. E os governos ocidentais preparam-se para pôr de castigo o sistema financeiro. Primeiro, tal como um pai faria com um filho, asseguram-se de que nada de muito grave lhes vai acontecer – a segurança em primeiro lugar, nem que seja à custa de muitos milhões de euros.

Depois, é preciso obrigar a criança a pagar a factura. E esta passará, essencialmente, por uma maior vigilância (as regras de funcionamento dos mercados acabarão por tornar-se mais rigorosas) e a consequente menor liberdade (os capitais deixarão de viajar pelo mundo à velocidade vertiginosa de hoje e perderão muito do anonimato de agora gozam). O futuro pode passar, mesmo, pela adopção de fórmulas já testadas no passado. E o economista José Castro Caldas, que integra o Observatório do Risco e o Núcleo Governação e Instituições da

Economia do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, recorda que o velho capitalismo regulado «deu origem a períodos de crescimento e estabilidade mais sólidos do que os que temos vivido desde os anos oitenta».

E fala mesmo de um recentramento do sistema financeiro naquela que, diz, é a sua função primordial: «encaminhar as poupanças para o investimento, sem que, para tal, esteja exposto às flutuações dos mercados bolsistas e à especulação». Como é que isso se faz? «Limitando a liberdade de circulação de capitais», diz José Castro Caldas, que traça, de seguida, o perfil da situação actual: «O poder de decisão foi-se acumulando, nos últimos anos, nos accionistas e nas bolsas. O poder que, antes, estava repartido por sindicatos, trabalhadores, empresários e outros *stake holders* foi transferido para os agentes financeiros. O resultado está à vista...»

Após a queda do muro de Berlim, passou a valer tudo'

Diogo Leite Campos, economista

Diogo Leite Campos, professor de Direito Fiscal da Universidade de Coimbra, também recua no tempo para mostrar as perversidades do capitalismo actual. «Até meados do século passado, as grandes empresas eram controladas por um accionista ou por um pequeno grupo de accionistas, que era responsável pela sua gestão. Se gerisse mal, perdia o seu capital.»

O PODER DAS BOLSAS

Hoje, o cenário é completamente diferente. «As grandes empresas são controladas por um vasto conjunto de investidores, que entregam a gestão a um pequeno grupo de executivos que fazem o que lhes apetece, com o objectivo de conseguirem o lucro máximo enquanto estão na gestão. Não têm perspectiva de longo prazo», sublinha o ex-administrador do Banco de Portugal. Quando falham, como aconteceu recentemente nos EUA, e levam os bancos à falência, «não lhes acontece nada. Este é um tipo de capitalismo para o qual não estávamos preparados. Após a queda do muro de Berlim, como o capitalismo se sentiu vitorioso, passou a valer tudo».

Leite Campos está revoltado com a situação actual e faz uma analogia pouco edificante para os gestores dos grandes instituições financeiras falidas: «Esta gente que deu cabo de uma quantidade de bancos e da confiança produziu mais danos do que uma organização terrorista. Não estou a chamar-lhes terroristas... mas a verdade é esta!» **J.P.V. e P.M.S.**